



Os manuscritos de Saussure sobre as lendas germânicas: pontos de vistas e questões¹

Clemilton Lopes Pinheiroⁱ (UFRN)

Resumo: Uma série de trabalhos analíticos sobre a atividade interpretativa de Saussure sobre as lendas germânicas vêm sendo desenvolvidos desde a descoberta e o acesso aos seus manuscritos. Neste artigo, abordamos esse tema como o objetivo de mostrar alguns pontos de vista sobre os princípios, os métodos e as questões epistemológicas dessa atividade de Saussure. Para isso, apresentamos um breve panorama de alguns trabalhos que foram desenvolvidos a partir dos anos 1990 sobre os manuscritos de Saussure sobre as lendas, e analisamos os posicionamentos, destacando as questões e os debates que eles apontam.

Palavras-chave: lendas; saussurismo; texto

Résumé: Ferdinand de Saussure s'est longuement intéressé aux légendes germaniques. Ces recherches manuscrites s'organisent autour de deux ensembles de récits (l'épopée des Nibelungen et les aventures de Tristan). Plusieurs travaux donnant des interprétations sur ces études de Saussure ont été réalisés. C'est dans ce contexte d'étude que s'inscrit cet article. Nous reprendrons leur sujet afin de montrer des points de vue sur les principes, les méthodes et les enjeux épistémologiques de la pratique interprétative de Saussure sur les légendes. Afin d'atteindre ce but, nous présenterons un bref survol des quelques études qui ont été développées à partir des années 1990. Nous proposerons de les faire interagir en analysant leurs positionnements et en essayant de poser d'autres questions et de nouveaux débats.

Mots-clés: légendes; saussurisme; texte

¹ Este artigo é uma adaptação da comunicação "Les études de Saussure sur les légendes: un rapide parcours à travers quelques interprétations", apresentada no 4º Congrès Mondial de Linguistique Française, Berlin, 19-23 de julho de 2014.

Introdução

As pesquisas manuscritas de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas se organizam em torno de dois conjuntos de narrativas: a epopéia dos Nibelungos e as aventuras de Tristão². Uma série de trabalhos analíticos sobre essa atividade interpretativa de Saussure já foram desenvolvidos. Por exemplo, Kim (1995) menciona quatro principais: Avalor (1973), Engler (1974), Prosdócimi (1983) e Arrivé (1986). Kim faz um resumo geral das ideias desses autores e assinala que os quatro estudos “apresentam teses ou comentários diametralmente opostos nos seus trabalhos de interpretação” (1995, p. 293)³. Avalor propõe confrontar o Saussure do Curso de Linguística Geral (CLG) e o Saussure das lendas. Para Kim (1995, p. 293) “o autor pretendeu descobrir que, em uma semiologia saussuriana das lendas, o signo não existe, e que, em vez de dotar o signo de uma estrutura estável, a lenda é apenas uma nuvem, uma nebulosa, um agregado de elementos”. Ao contrário, Engler considera que não há diferenças essenciais entre semiologia linguística e semiologia mitográfica no pensamento de Saussure. Prosdócimi se pergunta se Saussure havia aplicado seu ponto de vista semiológico à tarefa de identificação do ser mitológico. Para Kim (1995, p. 293), “a resposta de Prosdócimi é negativa e deixa transparecer que há uma lacuna intransitável entre o signo linguístico e o símbolo legendário. Ele não aceita nem homologia nem analogia entre o signo linguístico e o legendário”. Por último, Kim (1995, p. 293) cita o ponto de vista de Arrivé (1986) “que participou desse debate para esclarecer a noção de símbolo em Saussure, fazendo ver, de alguma maneira, no discurso mitológico sobre o símbolo uma autodestruição do discurso linguístico”.

O presente artigo se insere nesse contexto de estudo. Nós partimos da informação de que outros trabalhos foram desenvolvidos, e retomamos o assunto para mostrar outros pontos de vista sobre os princípios e as questões epistemológicas da prática interpretativa de Saussure sobre as lendas. Afim de atender a esse objetivo, nós apresentaremos um breve percurso de alguns outros estudos que foram desenvolvidos a partir dos 1990: Kim (1995), já citado, Fehr (1996), Arrivé (2001, 2012), Rastier (2009), Turpin (2003) e Salmon (2010). Estabeleceremos as relações entre esses trabalhos, analisando seus posicionamentos e tentando propor novos debates.

2 Os manuscritos de Saussure sobre as lendas encontram-se no departamento de Manuscritos da Biblioteca de Genebra, divididos em três lotes: 8 cadernos, 383 folhas (BGE Ms. fr. 3958/1 a 8), 10 cadernos, 228 folhas (BGE Ms. fr. 3959/1 a 10) e 228 folhas avulsas (BGE Ms. fr. 3959/11).

3 Todas as citações dos textos originais em língua estrangeira tiveram a nossa própria tradução.

Semiótica e linguística

De início, é preciso destacar que todas as leituras estabelecem, de alguma forma, algum tipo de relação entre semiologia e linguística nos estudos de Saussure sobre a lenda. Mas cada uma considera diferentes graus de aproximação.

O estudo de Fehr (1996) trata mais precisamente sobre a relação entre a obra póstuma de Saussure e a publicada por ele em vida. Nesse contexto, ele estabelece, mesmo de uma maneira resumida, algumas relações entre as reflexões semiológicas e as pesquisas sobre as lendas germânicas. Segundo Fehr, o interesse de Saussure pela epopeia dos Nibelungos era inicialmente histórico. “Mas ele se viu rapidamente diante da problemática do signo” (1996, p. 183). A partir também dessa problemática, parece que as reflexões semiológicas de Saussure em torno das lendas o levaram a se convencer de um novo lado do signo que a semiótica filosófica ainda não tinha levado em conta. Seguindo esse argumento, Fehr resume a abordagem de Saussure “tal como ela se apresenta ao longo de suas publicações, suas cartas e seus manuscritos” (p. 184) e percebe uma mudança paradigmática: “a dimensão histórica dos fatos linguísticos não é eliminada, mas é reconsiderada pela questão do modo de existência normal dos sistemas semiológicos como fatos sociais”. Assim, Fehr lê os estudos de Saussure sobre as lendas para compreender o projeto de construção da semiologia, ciência que ainda não existia.

Sob esse olhar, a leitura dos manuscritos e das publicações que precedem é particularmente fascinante porque ela permite compreender que a semiologia de Saussure, como uma ciência em construção, não era alguma coisa que devia simplesmente dar a linguística um quadro geral a partir de fora. Sob o título de semiologia se resumia, por assim dizer, tudo que vinha de fora para o seu interior. (FEHR, 1996, p. 185)

Arrivé (2001, p. 13), como ele mesmo reconhece, visa também, no seu artigo, “refletir sobre o problema das relações entre a linguística e a semiologia. O ponto de partida do autor para essa reflexão é a assimetria entre as duas pesquisas.

Constata-se, com efeito, que, salvo erro ou esquecimento, o trabalho sobre a lenda

não é jamais tratado quando se fala de semiologia no CLG. Saussure se contenta em dar, às vezes, exemplos de outros sistemas de signos diferentes da língua: ele fala, então, dos dois seguintes casos:

- a) de um lado, sistemas derivados da língua, ou em todo caso considerados como tais segundo a concepção do próprio Saussure. São eles a escrita e o alfabeto dos surdos-mudos.
- b) de outro lado, sistemas especiais como os rituais simbólicos, as formas de polidez, os sinais militares (ARRIVÉ, 2001, p. 17)

Na leitura de Arrivé (2001), o signo da lenda não tem as características do signo linguístico. O signo linguístico é um tipo entre os outros e é apresentado como um objeto específico. Essa diferença dá conta da ausência da lenda na pesquisa sobre a semiologia linguística.

Contrariamente, do lado da lenda, a língua é frequentemente citada. “Assim, a língua é, em diferentes momentos de retomada, explicitamente abordada como um objeto da semiologia, em razão do seu parentesco com a lenda” (2001, p. 17). O autor tenta esboçar uma resposta para isso. Ele propõe que a explicação está na concepção de personagem, símbolo da lenda: “O signo não consiste em nada. Ele é apenas um encontro ocasional e provisório propenso a se afastar a todo instante. Mas para construir rapidamente outro signo” (2001, p. 20). O símbolo da lenda é um ser inexistente, e, por isso, é um paradoxo. No entanto, ele comporta um tipo de existência, de consciência e mesmo de reflexão. Arrivé percebe “estranhos fenômenos” de personificação de símbolo na escrita de Saussure, que ele interpreta como “a marca de um desejo de substância, veia de substância pensante para esse *ser inexistente*” (2001, p. 20). Nesse sentido, haveria uma relação entre o signo da língua e o símbolo da lenda. Mas Arrivé assume também que essa reflexão de Saussure é “labiríntica”.

Os dois autores reconhecem a complexidade da questão. Apesar dos artigos já publicados sobre isso, a dependência inversa que Saussure estabeleceu entre semiologia e linguística ainda precisa ser esclarecida ou, pelo menos, mais estudada. Trata-se, na verdade, de uma discussão que não é inédita (podemos mesmo lembrar Engler, 1980), mas ainda importante e surpreendente cuja origem está principalmente nos manuscritos sobre as lendas.

Semiologia do discurso

Se, conforme já mostramos, Fehr (1996) e Arrivé (2001) comparam, sobre diferentes aspectos, os projetos semiológico e linguístico de Saussure, Kim (1995) e Turpin (2003) focalizam apenas o projeto semiológico, destacando os principais pontos que o caracterizam.

Kim (1995) expõe a concepção mitológica de Saussure a partir de alguns traços teóricos do raciocínio formal. Na sua leitura, o autor precisa que, face à lenda, Saussure é, ao mesmo tempo, um historiador e um semiologista. "Como Saussure é consciente do fato de que a lenda representa um modo de linguagem semiológico, seu estudo se porta sobre as operações que o mito institui a partir do fundamento histórico (1995, p. 295). O autor, então, condensa a posição de Saussure no que diz respeito ao estatuto semiológico do símbolo legendário em três pontos: 1) o sentido de símbolo, 2) suas leis de transformação, e 3) seu estatuto epistemológico.

No que diz respeito ao ponto 1, Kim cita Saussure para dizer que é preciso especificar o sentido da palavra símbolo. Na mitologia, Saussure considera o símbolo como uma espécie de signo. O símbolo é também um signo, mas um tipo particular. Os símbolos da lenda se submetem à duas leis gerais de transformação: "1) variação moderada e limitada do símbolo, ou seja, ele não é fixo, mas também não varia infinitamente. 2) essa capacidade permanente de mudar do símbolo é explicada pela sua circulação social, que modifica a cada instante o seu valor" (1995, p. 296). Finalmente o critério decisivo que define o estatuto epistemológico do símbolo é a sua circulação social: "com efeito, Saussure reconhecia como semiológico apenas os fenômenos com características sociais, e refutava como tal os fenômenos individuais" (1995, p. 296).

Em sua conclusão, Kim faz a seguinte observação sobre a identidade do símbolo.

Com efeito, Saussure põe em questão o valor da identidade na semiologia mitográfica a partir do exame dos elementos constitutivos da lenda, ou seja, os atos, as funções, o motivo etc. O Saussure mitográfico admite sua impotência de saber em que consiste a identidade do signo que se deve reconhecer (1995, p. 297).

Turpin (2003) chama os estudos de Saussure sobre as lendas de "um projeto semiológico". Para ela, "o Saussure linguista é também um etnógrafo e historiador da

língua, sem que existam dois Saussure” (2003, p. 308). Em seu artigo, Turpin esboça o modelo semiológico de Saussure, não desenvolvido, que ela chama *semiologia do discursivo*. Neste modelo, o signo legendário não é uma unidade fixa, que tem uma identidade estável. “Para Saussure, uma unidade não poderia simbolizar outra, porque há um processo semiológico, e toda unidade é tomada em uma rede de associação de um lado ou de outro – forma ou sentido” (2003, p. 312).

A lenda para Saussure é um processo de simbolização que leva em conta uma série de operações de associação e de transformação. Essas operações são feitas a partir do mito, da lenda, ou da história, em um jogo de símbolos entre identidades e diferenças, que “pode ser regulado, mas também pode escapar à lógica das oposições” (2003, p. 312). A análise do processo de simbolização consideraria, então, na pesquisa, variantes das lendas e suas regras de transformação. O modelo pode ser sintetizado da seguinte forma:

Uma unidade, uma identidade, é, então constituída de enlaçamento de diferenças que se organizam no discurso (lendas, mitos, histórias contadas), esse discurso é também um enlaçamento de outros discursos, a ponto de todo discurso retomar outros por diversas cadeias associativas: uma lenda pode retomar outra lenda por uma espécie de contaminação de traços, mas também outros tipos de discurso que a antecederam – crônicas e mitos se cruzam nela por esse trabalho de colocar em discurso cada vez feito que é contado, introduzindo as mesmas variações sempre involuntárias que se encontra no trabalho desse outro discurso social do qual é rumor. (TURPIN, 2003, p. 14)

Turpin percebe pontos comuns entre esse modelo e o desenvolvido por Saussure no Curso de Linguística Geral. Para ela, como também pensa Kim (1995), a lenda para Saussure é outro modo de linguagem semiológica. “De fato, é como uma trama discursiva pela qual Saussure liga a lenda ao mito: o mito é a trama da lenda (um pouco como as palavras podem ser a trama da língua)” (2003, p. 312). Saussure partiu de um problema para buscar um modelo explicativo. Parece-nos que esse modelo é o que Turpin chama “semiologia do discursivo”.

Como já dissemos anteriormente, parece que, na leitura de Kim e Turpin, a questão mais importante não é a relação entre semiologia e linguística, embora ela exista, mas os princípios e as questões epistemológicas de uma semiologia saussuriana. Se consideramos esse projeto semiológico de Saussure, convém uma reflexão sobre a relação entre esse

projeto e a emergência da semiótica discursiva francesa. Lembramos que Arrivé (2007) já cita a herança saussuriana nos trabalhos de Barthes e Greimas.

Língua e texto

Rastier (2009) se refere aos “estudos textuais” de Saussure. Aliás, o título do artigo é “Saussure e os textos – da filosofia dos textos saussurianos à *teoria saussuriana dos textos*” (grifo nosso). Esse estudo “toma como fonte duas séries de questões: a primeira se volta para a teoria dos textos segundo Saussure e secundariamente no saussurismo; a segunda sobre a leitura dos textos saussurianos” (2009, p. 1). No que concerne à primeira série de questões, o autor reexamina os estudos textuais conduzidos por Saussure, notadamente os anagramas e as lendas germânicas. Em função do objetivo do nosso trabalho, nós comentaremos apenas o exame dos estudos sobre as lendas. Segundo o autor, eles “testemunham um verdadeiro pensamento da textualidade” (2009, p. 18), “buscam as normas de composição das lendas, a compreensão das suas transformações gerais, sem negligenciar o problema das suas raízes históricas, pelo viés da sua relação com a linguística externa” (2009, p. 21). Para Rastier, a textualidade corresponde a uma relação semiótica fundamental e é um dos eixos dos estudos textuais, “que relaciona a palavra, a passagem, o texto e o corpus” (2009, p. 21).

Essa leitura parece sugerir que Saussure unificou teoria do signo e teoria do texto em uma mesma disciplina.

A linguística saussuriana é revolucionária porque é uma linguística do texto e não uma linguística do signo: não que ela tenha buscado fazer uma “gramática do texto”, mas porque a própria definição de unidades gramaticais está ligada à dimensão do texto onde essas unidades, de outro modo vazia e indefiníveis, assumem seu valor. (RASTIER, 2009, p. 21)

Rastier (2009) rediscute dois princípios da linguística saussuriana a partir desses estudos sobre as lendas: o primato do global (o texto) sobre o local (a forma) e o primato metodológico da *parole* sobre a *langue*. No que diz respeito ao primeiro, para o autor, “Saussure formula esse princípio em razão do caráter fundamentalmente contextual e

portanto textual da sua semiótica” (2009, p. 14). No que diz respeito ao segundo, ele assinala que “um texto é então uma manifestação da fala e a linguística dos textos se fundamenta na linguística da fala” (2009, p. 14).

Segundo Bronckart (2011), o uso efetivo da atividade languageira pelos grupos humanos, em circunstâncias históricas e geográficas variáveis, requer a tomada de três entidades, que constituem os diferentes objetos de uma ciência da linguagem proposta por Saussure.

- (a) Os *textos/discursos*, como *primeiro lugar de existência dos signos*, no quadro dos quais os valores desses signos se reconstroem permanentemente.
- (b) A *língua interna*, como sistema de organização psicológica dos valores significantes extraídos dos textos, sistema que é submetido às restrições convencionais da língua normalizada então atestada nos textos, mas que é marcada também pela história de vida e pelas propriedades particulares das pessoas; essa língua interna constitui um *segundo lugar de existência dos signos*.
- (c) A *língua normalizada*, como sistema de organização dos valores significantes dos signos gerada por sua vez pelos grupos sociais e submetida às suas normas próprias de funcionamento. Trata-se de um *terceiro lugar de existência dos signos*, de natureza secundária ou abstrata: a “língua francesa”, por exemplo, existe apenas como produto de um trabalho de generalização e abstração, trabalho de resultados variáveis e incertos, como todos sabem. (BRONCKART, 2011, p. 350-51)

Nesses termos, Bronckart também propõe a existência de uma relação entre língua e texto no pensamento saussuriano.

O trabalho de Salmon (2010) aborda especificamente a relação entre lenda e história. Nessa abordagem, o autor desenvolve as noções de texto e intertextualidade.

Mostrando que a formação das lendas obedece a operações complexas de retomada de textos anteriores por deslocamento de motivos, transferência de atributos entre personagens ou fusão de fontes históricas, Saussure explora os fundamentos de uma abordagem nova da intertextualidade. (SALMON, 2010, p. 169)

Essa leitura da prática interpretativa de Saussure sobre as lendas mostra um “novo modo de comparação do texto” que se chama “a intertextualidade constituinte”. Para o autor, esse modo de comparação dos textos propõe identificar em um texto um outro que lhe serve de modelo. Os textos apresentam correspondências sistemáticas que podem se expandir a detalhes, aparentemente, insignificantes.

A comparação dos textos prioriza as considerações formais às considerações históricas. Por outro lado, os textos muito distantes sob o ponto de vista histórico, e mesmo cultural, são confrontados para se estabelecer um conjunto completo de coincidências e de divergências.

Salmon não explica a alternância terminológica entre *lenda* e *texto*. Quando opta pelo termo *texto*, o emprega em uma concepção genérica. No entanto, a questão em debate é, de fato, o texto. Acreditamos, portanto, que essas leituras não apontam apenas uma discussão terminológica, mas sobretudo conceitual. Nesse caso, há muito para se refletir. Uma primeira questão é exatamente a concepção de texto presente nas análises sobre as lendas. Se entendemos que há alguma abordagem textual nos estudos de Saussure, importa precisar de que forma o texto é concebido. Além disso, convém também discutir o tipo de relação que se pode estabelecer entre língua e texto.

Lenda e literatura

Arrivé (2012) se pergunta como Saussure concebe a literatura. O autor examina o lugar que é reservado à literatura nos diferentes trabalhos de Saussure: seu trabalho propriamente linguístico (Curso de Linguística Geral e Escritos de Linguística Geral, por exemplo), a pesquisa semiológica sobre as lendas e a pesquisa sobre os anagramas. “Nós iremos, então, navegar juntos, no que diz respeito à literatura, no oceano revolto da reflexão de Saussure” (ARRIVÉ, 2012, p. 34). Em função do nosso objetivo, comentaremos apenas a resposta que leva em conta o exame das lendas.

Arrivé (2012) parte de uma questão: Saussure considera a lenda um texto literário? O autor interpreta algumas passagens dos estudos de Saussure e conclui que a resposta é “variável, evolutiva e, portanto, ambígua” (2012, p. 45). Em uma passagem, parece que Saussure neutraliza a oposição entre lenda e literatura: “é ao mesmo tempo lendário e literário” (2012, p. 46). Em outra, quando ele se refere à leitura de Dom Quixote, diz que o texto literário é inatingível e se distingue da língua, da escritura e da lenda, outros modos de linguagem. Essa distinção existe, porque a lenda é fixada pelo nome do seu autor, ou seja, “não é submetida às transformações conjuntas do tempo e da socialização inerentes à própria natureza do objeto semiológico” (2012, p. 47). Arrivé assinala que essa afirmação de Saussure teria sido um obstáculo à construção da semiologia literária. No entanto, ela é capital, porque, porta, ao mesmo tempo, um aspecto negativo (a literatura escapa à semiologia), e um positivo (ajuda a pensar a literatura).

Em relação a esse ponto, Garet-Gaudek (2013) assinala que apenas a perspectiva do discurso parece hoje permitir dizer em que medida Saussure pode ajudar a pensar a literatura. Trata-se, portanto, de uma reflexão importante e ainda necessária cuja origem se encontra também nos manuscritos sobre as lendas.

Considerações finais

Neste trabalho, nós percorremos, embora de forma muito parcial, alguns trabalhos que interpretam os estudos de Saussure sobre as lendas germânicas. Organizamos essas interpretações segundo o grau de proximidade das posições dos autores sobre o assunto. Os autores seguem diferentes trajetos de leitura, como é de se esperar. Uns estabelecem mais precisamente a relação entre semiologia e linguística, sob um ponto de vista teórico. Outros tentam estabelecer os princípios de um modelo semiológico. Há ainda os que inauguram um olhar textual, e os que propõem uma leitura sob o viés da literatura.

Algumas dessas interpretações retomam outras já realizadas, mas apresentam novas perguntas: quais são, de fato, as relações entre os fundamentos do Saussure linguista e do legendista? Qual distinção fazer entre linguística e semiologia? Há uma linguística que unifica os signos e os textos? O texto é objeto da linguística ou da semiologia? Qual a relação entre lenda e literatura? Como pensar a relação entre linguística e literatura? Sem dúvida, essas questões apontam para a importância e a pertinência de novos debates em

torno desse conjunto de manuscritos de Saussure.

Referências bibliográficas

- ARRIVÉ, M. *Linguistique et psychanalyse*, Paris, Méridiens, 1986.
- ARRIVÉ, M. La sémiologie saussurienne entre le CLC et la recherche sur la légende. *Linx*, 44, p. 13-27, 2001.
- ARRIVÉ, M. *À la recherche de Ferdinand de Saussure*. Paris: PUF. 2007.
- ARRIVÉ, M. De la lettre à la littérature: un trajet saussurien. In: Bedouret, S. et Prignitz, G. (éds). *Linguiste et littérature 1. Saussure. En quoi Saussure peut-il nous aider à Penser la littérature?* Pau: Presses de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour, p. 33-50, 2012.
- AVALLE, D. La sémiologie de la narrativité chez Saussure, in: Bouazis, C. (éd.), *Essai de la théorie du text* Paris, Galilée, p. 17-49, 1973.
- BRONCKART, J. P. Une science du langage pour une science de l'humain. *DELTA*, 27, 2, p. 337-61, 2011.
- ENGLER, R. Sémiologies saussuriennes. De l'existence du signe, *Cahier Ferdinand Saussure*, 29, 45-73, 1974.
- ENGLER, R. Sémiologies saussuriennes, 2. Le canevas. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 34, p. 3-16, 1980.
- FEHR, J. Saussure: cours, publications, manuscrits, lettres et documents. Les contours de l'oeuvre posthume et ses rapports avec l'oeuvre publiée. *Histoire Épistémologie Langage. Tome 18, fascicule 2*, p. 179-199, 1996.
- GARET-GAUDEK, E. Saussure aujourd'hui, de l'écrit au discours, *Acta fabula*, vol. 14, n° 7, 2013. Disponible sur: <http://www.fabula.org/revue/document8137.php> (consultado em 10 março de 2014).
- KIM, S. La mythologie saussurienne: une ouverture sémiologique, *Linx*, 7, p. 293-300, 1995.
- KOMATSU, E. Tristan – Notes de Saussure. *Essays and Studies*, XXXII, p. 149-229, 1985.
- MARINETTI, A. y MELI, M. *Ferdinand de Saussure : la leggenda germaniche*. Este: Zielo, 1986.
- PROSDOCIMI, A. Sul Saussure delle leggende germaniche, *Cahier Ferdinand Saussure*, 37, p. 35-106, 1983.
- RASTIER, F. Saussure et les textes - de la philologie des textes saussuriens à la théorie

saussurienne des textes. *Texto*, XIV, n. 3, p. 01-27, 2009.

SALMON, G. Les conditions d'une science de l'intertextualité: réflexion sur les apories du comparatisme saussurien. *Rivista Italiana di Filosofia del Linguaggio*, 3, p. 169-182, 2010.

TURPIN, B. Légendes et récits d'Europe du Nord: de Sigfrid à Tristan. *L'Herne - Saussure*, p. 351-429, 2003.

ⁱ Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.